

## JUVENTUDE E MÍDIA: USO DOS APARELHOS ELETRÔNICOS MÓVEIS NAS SALAS DE AULAS.

HÉLIO CAMILO ROSA\*

*Esses alunos não têm interesse. Veja que absurdo: as alunas se maqueiam e pintam as unhas em plena sala de aula. O aluno X não tira o fone do ouvido. Já o aluno Y não abandona o celular.* Frases como essas e inúmeras outras fazem parte do cotidiano de professores e professoras que lecionam na educação básica<sup>1</sup>. Elas colocam em questão algo já bastante evidente para os indivíduos que viveram ou vivem nas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI: o avanço das tecnologias de comunicação. Esses pequenos aparelhos eletro-eletrônicos parecem parte essencial do corpo de muitos indivíduos, não é raro vermos em todos os lugares, tanto nos centros urbanos quanto no meio rural, homens e mulheres fazem uso dessas novas tecnologias.

Embora seja algo comum e corriqueiro, a exemplo do celular, que se transformou em algo indispensável para a maioria das pessoas, inclusive para as crianças, o uso dessas tecnologias no ambiente escolar vem suscitando debates entre educadores e educadoras. As questões centrais desse debate giram em torno de dois eixos: de um lado, tais aparelhos tiram a atenção dos alunos e das alunas, causando assim déficit na aprendizagem; por outro, esses aparelhos constituem em novas ferramentas pedagógicas, podendo contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

As reflexões que se seguem propõem ir além desse debate. Em primeiro momento pretendo citar e comentar a lei estadual catarinense que proíbe o uso do celular em sala de aula; em seguida, identificar o uso, não somente do celular, mas também da variedade de aparelhos tecnológicos: mp3, iphone, ipod, câmeras digitais, computadores portáteis e seus derivados no ambiente escolar; e finalmente

---

\*Mestrando em História pela UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina. Graduado em Filosofia pela UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei.

<sup>1</sup> Ultimamente essas reclamações não se restringem apenas aos professores que lecionam no ensino básico (fundamental e médio), mas também são feitas por professores que lecionam no ensino superior.

problematizar o quanto a circulação de produtos audiovisuais: vídeos, músicas, jogos e outros arquivos vinculados ao uso constantes de equipamentos eletroeletrônicos móveis influenciam no comportamento dos jovens na escola e perceber de que forma a produção, recepção e circulação desses registros interferem no cotidiano juvenil, desde as maneiras de vestir, os cortes de cabelos, usos de adereços às formas de se relacionar com outros jovens e comportar em sala de aula e nos outros ambientes da escola. Estamos falando de jovens que cursam as três séries do Ensino Médio, em sua maioria entre 15 e 17, tendo variações para mais ou para menos.

O ponto de partida é a assinatura, no dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e oito, da Lei nº 14.363, que estabelece em seu artigo 1º: “Fica proibido o uso de telefone celular nas salas de aulas das escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina.”<sup>2</sup> De autoria do deputado Antônio Aguiar, essa lei pretendeu, ao menos na teoria, sanar o problema de muitos professores e professoras, a falta de atenção e concentração dos alunos e alunas. No entanto, na prática parece que pouca coisa ou quase nada mudou, exceto o fato de podermos relatar ou mesmo mostrar para o aluno que o uso do celular é proibido por lei em sala de aula.

É interessante observar que a lei proíbe apenas o uso do celular, isto significa que os demais aparelhos eletrônicos, como mp3 e mp4, notebooks, iphone e ipod, câmeras digitais etc. podem ser usados tranquilamente? Além do mais, ao que parece, a lei pretende inibir o uso do celular para a efetuação ou recebimento de chamadas<sup>3</sup> e/ou mensagens. O uso do celular vai além dessas duas funções. Na maioria dos casos usa-o para ouvir músicas, assistir vídeos, jogar ou fotografar. Essas funções permitem que alunos e alunas adotem certas táticas para camuflar o uso e fazer com que o professor ou professora não veja, por exemplo, escondendo-o nos bolsos, colocando o fone-de-ouvido por entre os cabelos (nos casos das meninas ou mesmo meninos com cabelos compridos) ou dentro da blusa, principalmente durante o inverno quando se usam as blusas de moletons ou casacos. No entanto na maioria das vezes ele está ali, em cima da

---

<sup>2</sup> A Lei nº 14363, de 25 de janeiro de 2008 está disponível no site: <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/legislação>.

<sup>3</sup> Sempre quando precisar atender ou realizar uma chamada, o aluno pede licença e sai da sala. Refiro a experiência como professor nas três séries do Ensino Médio, algo que já é discutido e acertado com os alunos. Existem exceções, mas são poucos os casos de o aluno atender o celular durante a aula.

mesa, ao lado dos outros materiais escolares, quase sempre dando algum sinal de sua existência, seja pela cor em destaque, pelo modelo, ascendendo ou piscando alguma luz.

Levantei esses argumentos justamente porque a polêmica não se resolve apenas pela assinatura de uma lei. O uso dessas tecnologias tornou-se uma constante não apenas no ambiente escolar, mas em todos os ambientes por onde circulamos pela cidade. Mesmo proibindo, o celular está ali escondido, camuflado, esperando qualquer momento para ser usado. Podemos observar, que a maioria dos alunos e alunas<sup>4</sup> possuem acesso a esses equipamentos, mesmo não sendo proprietário de um aparelho, é possível compartilhar com o colega o uso, refiro-me aqui a casos exemplares em que o colega compartilha o fone de ouvido para ouvir uma música, ou mesmo assistir um vídeo. O aparelho celular pode passar de mão em mão, por ser móvel ele circula pela sala de aula, ou por um simples toque envia-se um arquivo para o colega. Compartilhar músicas, vídeos, fotografias e mensagens de texto são práticas constantes no cotidiano dos alunos e alunas das diversas escolas espalhadas pelo país.

Esse ambiente virtual provocante e sedutor atrai cada vez mais os jovens, há uma infinidade de possibilidades e descobertas. Seduz e parece ser bem mais interessante que o mundo da aula, geralmente repetitiva, em forma de oratória, usando de elementos arcaicos como o quadro e o giz. Existe uma competitividade entre a escola e as novas mídias. O uso dessas tecnologias provocou mudanças nas maneiras de ser e pensar dos indivíduos, que não mais se orientam pelos caminhos das clássicas instituições sociais como família, igreja e escola, mas tomam como modelos os diversos aparatos apresentados pelos meios de comunicação. Anne-Marie Chartier nos informa sobre a influência da mídia sobre os jovens e a “crise da escola”:

*“desde os anos 1960, a escola concerne cada vez mais toda a juventude, mas não é mais ela quem dita as normas no que diz respeito à cultura e às práticas sociais. As mídias tornaram-se múltiplas ‘escolas paralelas’ que, melhor que os professores, impõem suas normas e seus valores. O cinema, a televisão e a imprensa destinada aos jovens ensinam como eles devem*

---

<sup>4</sup> Refiro-me aqui à experiência de trabalho em uma escola pública, EEB Irmã Maria Teresa, onde a maioria dos alunos tem acesso ao celular. (o levantamento do número de alunos possuidores desses aparelhos móveis em sala de aula ainda está em fase de cálculo para identificação das diversas maneiras de uso).

*comportar-se e vestir-se, quais são os costumes, os sonhos, as aspirações das stars. Os jovens aprendem com eles o que devem provocar emoção ou cólera, lágrimas ou riso e quem se deve querer ser.” (CHARTIER, 2005: 14)*

Esse modo de ser dos jovens está marcado em seus corpos através de tatuagens, adereços, piercings e brincos, uma super valorização da imagem, do visual extravagante, das maquiagens, dos estilos de cortes e cores dos cabelos. Em sua maioria, constroem um estilo “à imagem e semelhança” de seus cantores e atores preferidos, quase sempre inspirados em desenhos animados, filmes e vídeos cliques transmitidos por determinados canais televisivos ou mesmo acessados pela internet. De acordo com Martín-Bárbero e Germán Rey, os canais televisivos “criam novos públicos”, “cadeias musicais como a MTV produzem sugestivas identificações de gerações, vinculações muito fortes entre estéticas emergentes e estilos de vida.” (BARBERO & REY, 2004: 71). Podemos perceber a influência midiática na formação de identidades juvenis, principalmente através da música e do cinema.

Buscando atrair os jovens que necessitam consumir músicas e vídeos, canais de TV desenvolvem séries específicas para esse público. O canal MTV e Multi show destacam-se nesse ramo de produção, em suas grades de programação destacam-se programas que tratam da temática musical. A título de ilustração, observamos a série tribos do canal Multi Show<sup>5</sup>, apresentado por Daniele Suzuki. Pesquisando no site, eis a definição do programa:

*Programa de Comportamento do Multishow. Windsurfe, viajar com a mochila nas costas ou curtir uma banda emo? Dani Suzuki te leva para conhecer as manias e curiosidades das tribos urbanas: como surgiram, onde se encontram como se divertem. (Site Multi Show)*

A proposta é conhecer as tribos urbanas, no entanto ao que parece, o produtor, os roteiristas, pesquisadores nem mesmo a apresentadora do programa leva a sério a discussão sobre o conceito de tribos. Segundo José Machado Pais os mass media “traduzem uma notável capacidade de criar etiquetas” (PAIS, 2004: 9), originando assim “realidades representacionais, discursivas, mitificadas” (PAIS, 2004: 9). Percebe-se que o objetivo é criar rótulos para alargar as possibilidades de não esgotamento do

---

<sup>5</sup> Mais informações acesse o site: <http://multishow.globo.com/Tribos/Sobre-o-Programa/>

programa. Para que isso seja possível enlata e empacota na mesma série de programas grupos diversos, encerrando-os na categoria tribos, tais como: skatistas, paraquedistas, góticos, comissários de bordo, garçons, taxistas, emos, etc.. Todos os programas são produzidos nos mesmos moldes: realização de entrevistas, frequência aos locais de encontro dessas denominadas “tribos”. Além do empacotamento e uniformização certas categorias trabalhista também adquirem o mesmo sentido. Como se trata de um canal fechado e pago, nem todas as pessoas têm acesso de imediato a esses programas, mas é possível assisti-los no youtube ou em outros sites disponíveis na internet. Esses vídeos são postados por alguém que de certa forma tem alguma afinidade com o tema tratado ou com o programa. No primeiro momento esses vídeos são assistidos por um público mais restrito, possuidor de TV a cabo, mas no segundo momento ele é difundido por um grupo mais amplo, nesse sentido ele circula por ambientes diferentes através de cópias reproduzidas e transmitidas via aparelhos móveis.

Através do youtube gera uma lista de discussão, pois os usuários postam comentários que críticos à produção do vídeo e aos comentários postados por outros membros. E de que maneiras essas discussões chegam ou propõem contraposição com o conteúdo cultural ensinado e difundido na escola? Sabemos que a escola pouco fala dessas questões, há algumas disciplinas que propõe esse debate, em alguns casos as chamadas humanas, historia, filosofia, sociologia e literatura tenta propor um diálogo e tocar ao menos de leve nesses assuntos. Na maioria das vezes essas discussões entram pelas portas dos fundos, chega às nossas salas de aulas juntamente com esse aluno, um exótico, “ex-óptico por que cai fora da óptica da normalidade” (PAIS, 2004:10),.

Na visão de muitos professores, esse aluno é cada vez mais um estranho, o que levou os australianos Bill Green e Chris Bigunm a indagar: “Existem alienígenas em nossas salas de aula?” Seguindo o raciocínio desses dois autores, esses estranhos que entram em nossas salas de aulas com seus aparelhos estranhos ao nosso ambiente, provocando desarmonia e caos.

Eles chegaram para ficar, com seus sons e imagens. Com esses aparelhos tecnológicos, que muitos de nós, professores, educados na era dos impressos, desconhecemos suas funções e utilidades. Por isso que os mais otimistas propõem pensar as diversas maneiras de integrar esses aparelhos à alguma atividade em sala de

aula. Experiências e pesquisas apontam por esse caminho. É o que mostra o Informe Horizon, publicado em 2010 para os países iberoamericanos. De acordo com as pesquisas os aparelhos celulares, eu acrescento os demais aparelhos, podem servir de instrumento para o processo educativo, desde que sejam usados com funções específicas.

*“Los dispositivos móviles permiten imaginar diseños pedagógicos innovadores transformadores de los procesos de enseñanza y aprendizaje tradicionales. Para ello, es necesario impulsar líneas de investigación que exploren las posibilidades de aplicación a través de proyectos piloto basados en la utilización selectiva de estos dispositivos en distintas condiciones y disciplinas, y, a partir de ahí, definir qué y el cómo debe aprenderse mediante los móviles en función de perfiles de usuarios y de las necesidades de cada contexto. En este sentido, estudiar los usos asociados al aprendizaje informal por parte de los jóvenes u otros usuarios “avanzados” puede ser muy inspirador”* (Informe Horizon, 2010: 25).

Segundo esse informe os aparelhos móveis permitem aos estudantes realizar pesquisas através da internet, gravar aulas dos professores, elaborar trabalho extraclasse, tais como gravações de vídeos, vozes e fotografar. Além do mais, os aparelhos móveis podem ampliar o processo de interação entre docente e aluno, através da troca de informações via mensagens textuais, de voz ou audiovisuais. Nessa perspectiva os professores devem incentivar<sup>6</sup> o uso adequado dessas tecnologias, promovendo a interação entre escola e alunos por meio dos aparelhos eletrônicos. Pois a escola sempre foi um ambiente de encontros, propício a novas amizades, namoros.

Em nossa sociedade contemporânea, diferente de outras épocas, esses encontros se transferem rapidamente para o ambiente extra-escolar, ou seja, os encontros se ampliam para outros ambientes urbanos. Shoppings, praças, bares tornam-se uma extensão do mundo escolar. O rápido desenvolvimento tecnológico permite como nunca a redução dos espaços e tempos. O contato em sala de aula continua em um ambiente virtual por meio das redes sociais, onde é possível postar vídeos, músicas, fotografias e textos. Essa troca de informações serve como ponto de partida para identificar gostos semelhantes, preferências musicais e estilos de viver.

---

<sup>6</sup> Nas palavras do Professor de Geografia Gerffeson Sbruz, um dos adeptos das novas tecnologias, muitos alunos não acessam os materiais disponibilizados por ele na rede. Não é tanto pela falta de computadores, pois a Escola possui um amplo laboratório de informática, mas pela falta de costume de usar essas ferramentas para o estudo.

Essas formas de comportamento, permeadas pelas informações adquiridas no meio midiático são transportadas para o ambiente escolar. Elas colocam em prática novas maneiras de estar no mundo, novas vivências e convivências, rompendo barreiras tradicionalmente aceitas. A cada dia percebemos em nossas salas de aulas situações inusitadas, seja no uso de seus aparelhos ou com seus kits de maquiagens.

*“Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem das casas dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para os retomar tempos depois, encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele; suas paixões são como ‘voos de borboletas’, sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida...” (PAIS, 2006: 8)*

Com uma estrutura linear, às vezes inflexível, com currículos fechados, horários definidos, uniformes tradicionais “fora de moda”, muitas escolas não percebem as transformações radicais que vem ocorrendo com o jovem nesse cenário pós-moderno. Bill Green e Chris Bigunm consideram “a juventude como sujeito *par excellence* do pós-modernismo, especialmente em sua inflexão tecno-cultural.” (GREEN & BIGUM, 2009: 217). Perceber essas transformações é passo fundamental para melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Por sua inserção nesse ambiente tecno-cultural, os jovens adquirem certas habilidades, que influenciam seu comportamento e as maneiras de relacionar com outro. São maneiras diferentes, não melhores ou piores. Por exemplo, alguns alunos usam a internet para publicar vídeos, fotografias, textos, (poesias contos<sup>7</sup>) e desenhos<sup>8</sup> em blogs como forma de expressar sua arte. Por outro lado, alguns fazem uso da mesma ferramenta para outros tipos de publicações, seja elogiando ou falando mal de algum professor. É o caso das inúmeras comunidades do orkut referindo-se ao ódio ou amor por algum professor. São novas formas de comportamento que rodam nosso dia-a-dia, precisamos cautela ao lidar com elas. Em ambos os casos podem nos servir de inspiração: no primeiro, aproveitando as habilidades desses alunos, levando essas

---

<sup>7</sup> Blog de minha ex-aluna, atualmente estudante de Jornalismo: <http://guriasmulheres.blogspot.com>.  
Publicação de contos, poesias e crônicas.

<sup>8</sup> Ver o exemplo do blog de um aluno do segundo ano do ensino médio que produz desenhos e caricaturas: <http://hudsondesenhosvariados.blogspot.com>.

experiências para dentro da sala de aula; no segundo, buscando aprender com as críticas e elogios, avaliar a dimensão e fundamentação de tais críticas, se são válidas ou não.

#### Referências Bibliográficas:

CHARTIER, Anne-Marie. Escola, Culturas e Saberes. In: XAVIER Libânia Nacif, CARVALHO Marta Maria Chagas de, MENDONÇA Ana Waleska & CUNHA Jorge Luiz da. (Orgs). **Escola, Culturas e Saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 9-28.

GARCÍA, I. PEÑA-LÓPEZ, I; JOHNSON, L., SMITH, R., LEVINE, A., & HAYWOOD, K.. Informe Horizon: Edición Iberoamericana. Austin, Texas: The New Media Consortium, 2010.

GREEN, Bill & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 2009. p. 208-243.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. **Os Exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2004. p. 67-105.

PAIS, José Machado, Introdução. In: PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria da Silva (org.). **Tribos Urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9-21.

\_\_\_\_\_ Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: AMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.) **culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-21.

VITELLI, Celso. Relações entre jovens, consumo, estética e shopping centers. In: PINTO, Michele de Lavra & PACHECO, Janie K. (orgs.). **Juventude, consumo & educação**. Porto Alegre: ESPM, 2008.